

Nome: Mario Antunes Marino

E-mail: mario.marino1@yahoo.com.br

Instituição de Ensino: USP

Orientadora: Silvana de Souza Ramos

AS LUTAS DA ATUALIDADE DE MICHEL FOUCAULT E A NOÇÃO DE CONTRACONDUTA

Resumo:

Objetivos

Pretendemos argumentar que o tema da contraconduta passa, a partir de 1978, a ser central nas elaborações de Foucault, pois a abertura da grade analítica do governo compreendido com condução de condutas não é dissociada da questão: “como não ser governado?”. Em seguida, procuramos aproximar o tema contraconduta das lutas políticas da atualidade de Foucault no Ocidente – onde prevalecem os governos democráticos liberais e neoliberais – visando a questão: quais formas essa vontade de não ser governado assume na atualidade?

Justificativa

A partir dos anos 1970, Foucault trata suas elaborações teóricas como uma forma de intervenção política, como uma prática empenhada nas lutas concretas da sua atualidade¹. Nesta década, foi intensa a sua militância política em diversas questões políticas da sua atualidade (sistema prisional, direitos dos indivíduos, justiça penal etc).

Foucault procurou destacar seu pensamento acerca do poder das correntes hegemônicas nesta época. À direita, ele diz, o problema do poder é colocado sobretudo em termos de soberania e de constituição, prevalecendo, portanto, um modelo “jurídico”. À esquerda, a questão do aparato do Estado, das suas instituições e da reprodução da ideologia², tende à identificação entre teoria política e teoria do Estado. Em ambos os casos, pratica-se um “economismo” na teoria do poder: à direita, o poder é considerado um direito do qual se seria possuidor, como um bem que se poderia transferir, ceder ou alienar

¹ Cf. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975 – 1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 5-11. Neste curso, afirma que seu trabalho “convinha bastante bem para um certo período, muito limitado, que é aquele que acabamos de viver, os dez ou quinze, no máximo vinte últimos anos” (p. 6).

² Cf. FOUCAULT, M. “Verdade e poder”. In: *Mirofísica do Poder*. São Paulo : Graal, 2012, p. 42.

por meio de um pacto ou contrato. À esquerda, trata-se da “funcionalidade econômica do poder”, na medida em que o papel essencial do poder seria o de manter e reproduzir as relações de produção e reconduzir no poder uma classe cuja dominação advém do desenvolvimento das forças produtivas³. Segundo Foucault, o debate entre essas duas correntes é restrito aos temas globais e não se preocupa com as formas como se exerce o poder no seu detalhe, em sua especificidade, técnicas e táticas.

É notável que um pensador que costuma ser incluído no rol dos “filósofos” tenha resistido em elaborar teorias gerais sobre o poder. Pode-se argumentar que a sua produção na década de 1970 é fortemente marcada pelo desenrolar dos embates políticos. De fato, Foucault não hesita em afirmar que a ausência de uma tal teorização se deveu ao cenário político de então⁴, caracterizado, por um lado, pelo refluxo das lutas após o Maio de 68, que implicou no refluxo de concepções do poder como enfrentamento e, por outro lado, o 68 propiciou uma “abertura política” a uma série de temas (feminismo, gênero, anti-psiquiatria etc) até então ausentes da agenda política da esquerda marxista tradicional⁵, que os mantinha fora do grande debate político e institucional⁶. A partir desses temas, a questão do poder é recolocada em termos de lutas e resistência: “Só se pode começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas da rede do poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder e ao mesmo tempo a fecundidade possível dessas análises do poder”⁷.

É neste campo em rápida transformação que Foucault elabora a sua crítica ao poder. No seu trabalho de pesquisa no Collège de France, ele “testa” diversas hipóteses e faz elaborações que eventualmente serão abandonadas em proveito de outras mais apropriadas para o tipo de intervenção que tem em mente.

Nesta época seu trabalho acerca do poder passa por diversas reformulações que podemos esquematizar assim: entre 1973 e 1975 prevalece a forma “polêmico-guerreira” do modelo do poder como enfrentamento, elaboração que ele abandona em 1976⁸ em proveito dos temas do biopoder⁹, das lutas políticas e do governo. A partir de 1978, sua

³ Cf. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Cit., pp. 13-14.

⁴ FOUCAULT, M. “Verité et pouvoir”. Cit. p. 14

⁵ Cf. FOUCAULT, M. “Verdade e poder”. Cit., p. 37.

⁶ Cf. FOUCAULT, M. “Dialogue sur le pouvoir”. In: DE II, n. 221, p. 473.

⁷ Cf. FOUCAULT, M. “Verdade e poder”. Cit., p. 42.

⁸ No curso *Em defesa da sociedade*.

⁹ Cf. aula de 17 de março de 1976 do curso *Em defesa da sociedade* e o capítulo V de *História da Sexualidade I*.

pesquisa se desloca para a formação da razão política no Ocidente a partir do século XVI até a atualidade. Doravante, o tema do poder será pensado em torno do tema do governo, tomado num sentido amplo: governo de si, governo da casa e dos filhos, governo das almas pelo pastor religioso, governo do Estado pelo príncipe e governo da população pelo Estado. “Como quer que seja”, diz Foucault, “através de todos esses sentidos, há algo que aparece claramente: nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades”¹⁰. Desloca-se de uma concepção do poder como enfrentamento para a condução de condutas, ou seja, como modo de estruturar o campo de ações dos outros, diverso da violência e da imposição pela lei. Esta pesquisa de Foucault entende que a chave conceitual do governo é correlativa à racionalidade política da sua atualidade, caracterizada, no Ocidente, por democracias liberais capitalistas.

Ora, o desenvolvimento desta forma “governamental” de poder não pode ser dissociada, diz Foucault, da questão: “como não ser governado?”¹¹. Como não sermos governados desta forma, por estes indivíduos, visando tais fins? Como não ser tão governado? Como opor limites ao governante? Como opor à autoridade da Igreja outra interpretação da Escritura, como opor às leis do príncipe o direito natural, como opor à verdade de uma autoridade aquela ditada pela razão? Como opor a um discurso unitário um conjunto de perspectivas? Portanto, de um lado, uma questão geral do governo e da condução das condutas, de outro, como correlativo sempre presente, a resistência e a contraconduta¹². A partir deste desenvolvimento, a chave conceitual do biopoder, as elaborações feitas anteriormente por Foucault acerca da *anátomo-política* dos corpos dóceis e úteis e da biopolítica – gestão calculada de grupos humanos tomados como uma população de seres vivos – é recolocada em termos de governo. A chave polêmica, por sua vez, se desloca para o tema da contraconduta.

Palavras-chave: Foucault, contraconduta, política contemporânea, neoliberalismo

¹⁰ FOUCAULT, M. *Segurança, território, população. Curso dado no Collège de France (1977–1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 164.

¹¹ Foucault alerta que tal interrogação não implica um elogio à ausência de governo.

¹² Cf. aula de 1º de março de 1978 do curso *Segurança, território, população*.